

# LINGUASAGEM

## A CONSTRUÇÃO DE CERTEZAS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO EM *FAKE NEWS* SOBRE MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL

Florisbete de Jesus SILVA<sup>1</sup>

### Resumo

A proposta deste trabalho é analisar o funcionamento da linguagem na construção de certezas em *fake news* acerca de manifestações de rua no Brasil. O corpus será composto por notícias atestadas como falsas pela Lupa, agência de checagem de fatos, dados e declarações. O interesse pelo tema surge da necessidade de se discutir como julgamentos e informações falsas sobre manifestações de rua se proliferam nas redes sociais, passando a ser usados como evidência, e ao mesmo tempo, como estratégias para deslegitimar a luta. O aporte teórico-analítico se constitui a partir de uma posição teórica que articula a Semântica do Acontecimento com a Análise de Discurso, com o objetivo de analisar o funcionamento político da linguagem na construção das certezas, como uma prática política em que se inscrevem os sentidos.

**Palavras-chave:** Certezas. *Fake News*. Manifestações de Rua.

### Abstract

The purpose of this work is to analyze the functioning of language in the construction of certainties in fake news about street manifestations in Brazil. The corpus will consist of news attested as false by Lupa, the fact, data and statement checking agency. Interest in the topic arises from the need to discuss how false judgments and information about street manifestations proliferate on social networks, becoming used as evidence, and at the same time, as strategies to delegitimize the struggle. The theoretical-analytical contribution is constituted from a theoretical position that articulates the Semantics of the Event with Discourse Analysis, with the objective of analyzing the political functioning of language in the construction of certainties, as a political practice in which the meanings are inscribed.

**Keywords:** Certainty. Fake News. Street manifestations.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Seguro Bahia; Professora da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes - Porto Seguro Bahia; Doutoranda no Curso de Linguística da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação da Professora Sheila Elias de Oliveira. E-mail: [florisbete@gmail.com](mailto:florisbete@gmail.com).

## O funcionamento político da linguagem na construção de certezas em *fake news*

As reflexões que aqui apresento se inscrevem no projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED), na Universidade Estadual de Campinas, sob coordenação da Professora Sheila Elias de Oliveira. A posição teórica do LED articula a Semântica da Enunciação com a Análise de Discurso, e a partir dessa posição o grupo tem desenvolvido pesquisas sobre o funcionamento da linguagem na construção das certezas como efeitos de sentido.

Pensar sobre o funcionamento da linguagem na construção das certezas a partir da semântica linguística materialista requer uma reflexão de que esse processo é uma prática política em que a significação de certezas produz sentidos divididos que, por sua vez, podem originar outras certezas, sustentadas pelo funcionamento político em determinadas condições de produção.

Em suas reflexões acerca da significação da certeza na linguagem, em notas publicadas sob o título *Da Certeza* (doravante DC, neste trabalho), Wittgenstein (1969) nos convida a refletir sobre o papel da certeza nas argumentações, como ela pode ser tomada como evidência que apaga a não veracidade de alguns argumentos, criando limites para a manifestação da dúvida, para o questionamento sobre o que é falso e o que é verdadeiro. O autor destaca que as afirmações que fazemos “têm diferentes graus de segurança”, e que os jogos de linguagem passam por mudanças que provocam modificações nos conceitos, o que gera, também, mudanças nos sentidos das palavras.

Para o autor, a justificação da certeza se submete às exigências de um dado jogo de linguagem. A afirmação de que se sabe algo não é suficiente para o convencimento de que realmente há um saber, mas uma crença de que se sabe. A utilização da expressão eu *sei* descreve uma situação como se esta fosse um fato, apagando, desse modo, a possibilidade da dúvida, de se pensar que nem sempre as certezas podem ser fundamentadas, o que demonstra que na maioria das vezes que alguém afirma saber algo, a existência do erro, do não sabido, não é considerada (DC 18, 21).

Essas questões nos fazem pensar sobre o modo como notícias falsas (*fake news*) são ideologicamente produzidas, como as certezas que nelas são postas como evidência fabricam verdades a respeito de uma dada afirmação, atualizam práticas discursivas marcadas por posições ideológicas que podem deslegitimar os discursos de resistência e

alimentar o discurso de ódio. Em *fake news*, a certeza posta nas notícias parece cristalizar-se, é tomada como absoluta, inquestionável por determinadas pessoas. Sendo assim, a informação não é averiguada, uma vez que sua produção está relacionada a uma justificativa do “eu sei o que estou dizendo”, somada ao modo como pessoas se comportam diante de tal justificativa, envolvendo-se no jogo de pós-verdades que afetam suas opiniões, por meio do apelo emocional.

Analisando a definição da palavra pós-verdade, Zoppi-Fontana (2018) afirma que o modo como a pós-verdade é formulada a significa “como um tipo particular de relação do locutor com o acontecimento da enunciação”. Desse modo, diz a autora, a força performativa da enunciação que funciona como uma pós-verdade está ancorada em “lugares sociais de destaque na cena política global”. Assim, “por serem enunciadas desses lugares sociais é que essas pós-verdades ganham rapidamente ampla circulação na grande mídia, o que faz ecoar os enunciados, naturalizando seus sentidos como gestos hegemônicos de interpretação dos fatos da atualidade” (ZOPPI-FONTANA, 2018, p. 157).

Tomando como base o materialismo histórico, por meio da filiação à Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1975) e à Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005a), é possível dizer que os sentidos que são postos nas certezas que compõem uma *fake news* são produzidos a partir da identificação dos sujeitos com as pós-verdades ali construídas, as quais fabricam informações “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (PÊCHEUX, 1975, p. 147). Essa produção de certezas, ao nosso ver, é uma prática política historicamente construída, em que os sentidos entram em conflito, se dividem, tornam-se outros (GUIMARÃES, 2005a; 2005b).

### **Certeza e efeitos de sentido em *fake news* sobre manifestações de rua no Brasil**

Notícias falsas sempre existiram. Contudo, há algo novo que marca a proliferação dessas notícias na sociedade contemporânea, as novas configurações tecnológicas que permitem o acesso às informações em tempo real, bem como possibilitam que em um clique essas informações cheguem a um número infinito de pessoas, uma vez que as curtidas e os compartilhamentos são práticas constantes por parte daqueles que se identificam com essas mensagens em que são projetadas pós-verdades que provocam sentimentos e comportamentos propagadores dos mais variados tipos de violência.

No Brasil, as *fake news* ganharam força em 2018, ano de eleição presidencial. De lá para cá, as redes sociais têm se tornado fábricas de discursos fundamentalistas marcados por falsas afirmações que disseminam a exclusão e o ódio, transformam-se em palco de propagação do autoritarismo e do conservadorismo. Os movimentos sociais tornaram-se alvo de ataques de grupos contrários às suas pautas de manifestações. Assim, conteúdos falsos relacionados a esses movimentos começaram a ser divulgados, e as certezas produzidas para aparentar a veracidade desses conteúdos estão atravessadas por discursos que afetam os usuários das redes sociais, gerando conflitos e divisões.

As manifestações de rua fazem parte desses movimentos sociais que enfrentaram e ainda enfrentam ataques, situação que deslegitima a luta por direitos sociais. Três delas, identificadas pela agência Lupa como alvo de *fake news*, serão objetos da análise que segue.

Em setembro de 2019 várias pessoas foram às ruas em defesa do meio ambiente, às vésperas da Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), que ocorreu em Nova York, no dia 23 do referido mês. Tais movimentos foram acompanhados e discutidos por vários meios de comunicação<sup>2</sup>, dentre eles o *facebook*, onde circularam diversas informações, muitas delas falsas, como a que se apresenta na figura abaixo:



<sup>2</sup> A exemplo da reportagem publicada por Marieta Cazarré, Repórter da Agência Brasil: Manifestantes em mais de 150 países defendem o meio ambiente. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-09/manifestacoes-em-mais-de-150-paises-defendem-o-meio-ambiente>

### Figura 1<sup>3</sup>

A imagem em questão, publicada no *facebook* no dia 21 de setembro, apresenta um parque com muito lixo espalhado pelo local e tem a seguinte legenda: *Esse é o resultado da passeata pelo Meio Ambiente...* A utilização do verbo ser, no presente do indicativo, produz uma certeza que qualifica de forma negativa a manifestação, uma vez que, de acordo com a legenda, o lixo é o resultado da passeata cujo objetivo era combater ações que destroem a natureza. Assim, os sentidos postos na legenda significam as manifestações em defesa do meio ambiente como uma farsa, definem os manifestantes como pessoas que dizem lutar pela preservação, mas suas atitudes vão de encontro àquilo que pregam.

De acordo com Nathália Afonso, jornalista da agência Lupa, essa foto publicada no *facebook* não foi tirada no período das manifestações em defesa do meio ambiente, e sim após um comício a favor da legalização da maconha, no Hyde Park, em Londres, no mês de abril de 2019. Nesse sentido, temos nesta publicação a fabricação de uma pós-verdade enunciada de um lugar social que se opõe à manifestação pelo meio ambiente ocorrida em setembro de 2019. Uma informação inscrita em uma posição discursiva ligada a certezas falaciosas que apelam a crenças ou emoções, o que pode provocar atitudes negativas em relação aos movimentos sociais ligados às questões ambientais. E isso o responsável pela criação do *post* parece ter conseguido, haja vista a reação demonstrada por meio de *emojis* que significam a tristeza e a indignação.

Os mais de mil compartilhamentos e as duzentos e treze curtidas demonstram a afinidade existente entre os discursos das pessoas envolvidas com a informação. Autor e leitores entram em sintonia no jogo político da linguagem, assumindo o lugar de quem julga, repassando a informação sem se preocupar em saber se é verdadeira ou falsa.

A próxima publicação, também compartilhada no *faceboook*, foi analisada pela Lupa, a qual verificou que *se trata de uma ocorrência policial no dia 12 de junho de 2019, quando Marcelo Nogueira, de 48 anos, que tinha um tumor no cérebro e sofria com convulsões e surtos constantemente, esfaqueou uma tenente da Polícia Militar de São Paulo. De acordo com a agência Lupa, o boletim de ocorrência informa que o agressor jogava pedras contra uma empresa quando os policiais se aproximaram. Marcelo ameaçou os agentes e, na tentativa de contê-lo, a tenente Beatriz Marandola fez um disparo com uma arma de choque, que não funcionou. Ele, então, correu em*

<sup>3</sup> Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2019/09/meioambiente.png>

*direção à policial e conseguiu esfaqueá-la no pescoço. Outros agentes dispararam contra Marcelo, que morreu no local.*<sup>4</sup>



Figura 2<sup>5</sup>

Iniciemos a análise pelo título em destaque na imagem: *Policial feminina foi esfaqueada por “manifestante”*. *Vamos esperar o movimento feminista se manifestar...* Primeiro, é interessante observar o jogo de sentidos que é mobilizado na construção deste enunciado, aqui considerado uma unidade de sentido que integra uma enunciação. Esta, segundo Guimarães (2005a), é um acontecimento histórico, lugar de funcionamento da língua, movimentada pela memória do dizer, em que os falantes são agenciados politicamente a falar de diferentes lugares sociais, são constituídos por espaços de enunciação em que os conflitos, as divisões e os embates marcam o movimento dos sentidos no dizer. Assim, “assumir a palavra é pôr-se no lugar de Locutor (com L maiúsculo), responsável pelo dizer, mas para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, um lugar social de *locutor x*” (GUIMARÃES, 2005a, p.23-24).

Pesquisando em sites de notícias<sup>6</sup>, reportagens com títulos iguais ao primeiro enunciado (*Policial feminina foi esfaqueada por “manifestante”*), publicadas na data informada pela Lupa, não foi encontrada nenhuma ocorrência do uso da palavra *feminina* para qualificar a policial militar. Desse modo, é possível dizer que a utilização

<sup>4</sup> **Fonte:** <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/06/19/verificamos-policial-esfaqueada/>

<sup>5</sup> **Fonte:** <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2019/06/policialfaca.png>

<sup>6</sup> Para título de exemplificação: <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/06/13/homem-que-esfaqueou-policial-em-mogi-tinha-surtos-constantas-diz-familia.ghtml>; <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/06/homem-e-morto-com-10-tiros-apos-esfaquear-pm-em-mogi-das-cruzes.shtml>.

da referida palavra predicando o nome policial aponta outros sentidos que estão além da identificação da categoria gramatical que indica o gênero do substantivo, uma vez que o verbo no particípio (esfaqueada) dá conta de sinalizar esta identificação. Assim, o uso da palavra *feminina* mobiliza sentidos que geram uma provocação às feministas, efeito que pode ser identificado no enunciado *Vamos esperar o movimento feminista se manifestar...* Tais sentidos atualizam, por efeito de memória (Pêcheux, 1975), críticas ao movimento feminista, apontado por seus opositores como um movimento de esquerda que naturaliza o vitimismo e discute apenas assuntos do seu interesse, excluindo mulheres que não se identificam com seus posicionamentos políticos<sup>7</sup>.

Seguindo a análise, o uso do verbo ser, no pretérito do indicativo (*foi*), indica uma “verdade” inquestionável para quem está envolvido emocionalmente com a informação, assim não há interesse em checar se esta informação realmente é verdadeira, antes de repassá-la para a frente. O dizer do locutor-*faker* torna-se indubitável, e o destaque de detalhes das imagens o auxilia nesse processo.

Outra questão a se observar no enunciado é o uso das aspas na palavra *manifestante*. Aqui é interessante lembrar das reflexões de Authier-Revuz (2004, p.226), acerca de como esse recurso pode ser usado para explicitar “a oposição do locutor, que o que é designado por uma palavra “X” é, de fato, apenas um pseudo-X, que a palavra X é, portanto, nesse caso, inapropriada”. Desse modo, no dizer do locutor-*faker* está posto um outro sentido para a palavra *manifestante*, a qual não significa como está na maioria dos dicionários, a exemplo do Dicionário Aurélio Online: *Quem se manifesta ou faz parte de alguma manifestação pública, de teor político e/ou reivindicatório*. Ao relacionar a referida palavra com as ações desenvolvidas por Marcelo Nogueira e com as designações que qualificam a manifestação (*vermelha*) e quem dela participa (*viciado, vagabundo, bandido, vândalo, terrorista e criminoso*), o sentido da mesma é marcado pela negatividade, em um gesto de depreciação. Desse modo, o nome “*manifestante*” é significado mediante a relação linguística tomada na

<sup>7</sup> Em um texto publicado no blog **Mulheres contra o Feminismo**, por exemplo, intitulado *O silêncio do feminismo esquerdista sobre o estupro coletivo no Piauí*, há a seguinte afirmação: “as feministas que MENTEM lutar pelas mulheres, justiça, homens, igualdade e toda aquela propaganda mentirosa delas preferem, antes e acima disso, defender a sua agenda esquerdista, relativista e injusta. Mesmo que isso injustamente afete meninas estupradas”. In: <https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2015/06/03/o-silencio-do-feminismo-esquerdista-sobre-o-estupro-coletivo-no-piaui/>.

história. Essa designação se dá pela relação de sentidos que esse nome estabelece com outros nomes, nesse acontecimento (GUIMARÃES, 2005a; 2012).

Observando o modo como a manifestação é significada (*Manifestação Vermelha*), é possível identificar no dizer do locutor-*faker* a enunciação restabelecendo o pré-construído, o já dito (PÊCHEUX, 1975). Em outras palavras, a enunciação *Manifestação Vermelha* é perpassada pelo interdiscurso, espaço de memória no acontecimento que contribui para o funcionamento da língua, afetando-a pela posição do sujeito no discurso (GUIMARÃES, 2005a).

Assim, o uso da cor vermelha retoma, por efeito de memória, discursos que relacionam essa cor aos movimentos políticos identificados como movimentos de esquerda e ao comunismo. E como no Brasil manifestantes apoiadores do presidente Jair Bolsonaro adotaram a prática de irem às ruas vestidos de amarelo, a palavra *vermelha*, qualificando a manifestação produzida pela notícia falsa, demonstra uma divisão que coloca em lugares opostos os manifestantes de amarelo e os demais manifestantes. Os primeiros falam de um lugar qualificado por eles como o lugar da ordem, da moral, dos bons costumes; os últimos falam de um lugar significado por opositores como o lugar da balbúrdia, do vandalismo, do terrorismo. E é interessante que há uma generalização, pois na expressão *só reúne* estão postos sentidos que predicam todos os manifestantes contrários às ideias dos apoiadores do presidente como criminosos. Assim, a predicação de *manifestante*, na publicação em análise, está ligada a um acontecimento político constituído por sentidos que apontam lugares sociais marcados por conflitos e divisões, como diria Guimarães (2005a).

Como na publicação anteriormente analisada, as certezas produzidas na composição do enunciado movimentam-se em direção aos discursos com os quais as pessoas se identificam, como podemos observar nas reações demonstradas por meio dos *emojis* e nos mais de dois mil compartilhamentos.

A última publicação aqui analisada traz uma informação falsa envolvendo uma manifestação realizada no dia 26 de maio de 2019, em apoio ao presidente Jair Bolsonaro, na Avenida Paulista, em São Paulo. De acordo com a agência Lupa, no cartaz da foto original está escrito: *Presidente, estamos com você!* Contudo, o que aparece na imagem que disseminou nas redes sociais é totalmente diferente. Vejamos:

Figura 3<sup>8</sup>

Mais uma vez o verbo *ser* aparece no presente do indicativo, auxiliando na construção de uma certeza que qualifica os apoiadores do juiz Sérgio Moro como pessoas desprovidas de conhecimento. E nesse jogo de linguagem, o dizer do locutor-*faker*, ao ser registrado no cartaz segurado por uma manifestante, transfere-se de lugar. Estando nas mãos dela, passa a ser o discurso de todos os manifestantes que ali estão, já que não há nenhum sinal de discordância na imagem. Desse modo, o cartaz ratifica o dizer do locutor, qualificando os apoiadores do juiz como “pessoas burras”.

Para analisar a predicação que aparece após o verbo *ser*, trago algumas reflexões de Eni Orlandi, acerca da polissemia da noção de leitura. Segundo a autora, as condições de produção de leitura são compostas por “elementos em suas posições relativas, histórica e socialmente determinadas – em que o simbólico (linguístico) e o imaginário (ideológico) se juntam”. Ainda de acordo com a autora, quando lemos um texto, não consideramos apenas o que está dito, mas também o que está implícito, o qual também significa. Este “pode ser de várias naturezas: o que não está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc.” (ORLANDI, 2012, p. 12-13).

Partindo dessas reflexões, é possível identificar, na ambiguidade produzida no referido cartaz, possibilidades de interpretações distintas: *Bom pra burro*, significando aquele que é muito bom no que faz; *Bom pra burro*, no sentido de algo ou alguém que

<sup>8</sup> **Fonte:** [https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/07/01/verificamos-manifestante-cartaz-sergio-moro-bom-pra-burro/?fbclid=IwAR3cJ-xq7n8Ki5ymgs2B8UpUN-s8dwMr9fh\\_j1oQKrLPT63kUunF9XRA1E](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/07/01/verificamos-manifestante-cartaz-sergio-moro-bom-pra-burro/?fbclid=IwAR3cJ-xq7n8Ki5ymgs2B8UpUN-s8dwMr9fh_j1oQKrLPT63kUunF9XRA1E).

pode orientar a outrem que supostamente não tenham inteligência; e *Bom pra burro* significando que a pessoa é sem inteligência, estúpida, tola, por isso quem a admira é considerado/a como tal.

É interessante considerar que no ano em que a manifestação ocorreu, as tensões no Brasil se intensificavam em consequência das reformas políticas que deixaram insatisfeita grande parte da população brasileira. Vale ressaltar, também, nesse mesmo ano, os conflitos gerados pelas denúncias feitas pelo jornalista Glenn Greenwald, do *The Intercept*, acerca de ilegalidades existentes na Operação Lava Jato, considerada pelo Ministério Público como “a maior iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil”<sup>9</sup>. Tais ilegalidades, de acordo com Greenwald, envolvem o nome do Juiz Sérgio Moro, que ficou responsável pela operação no Paraná, no período de 2014 a 2018, como revela Ricardo Balthazar<sup>10</sup>, do jornal *A Folha de São Paulo*.

Diante disso, o que está dito no cartaz remete a outro dizer: *tanto o juiz quanto aqueles que o defendem e o admiram são pessoas tolas, sem inteligência*. Temos, mais uma vez, “um acontecimento de linguagem perpassado pelo *interdiscurso*, que se dá como espaço de *memória* no acontecimento (GUIMARÃES, 2005a, p. 70). É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso”.

O dizer do locutor-*faker*, retoma, por efeito de memória, o já dito nas redes sociais acerca do juiz e dos eleitores do presidente Jair Bolsonaro, marcando o encontro do já dito com os sentidos produzidos na enunciação. E esse processo de produção de sentidos constitui a história, como memória, e o social que possibilitam pensar a língua em funcionamento (GUIMARÃES, 1989).

### Considerações finais

Nas três publicações aqui analisadas, foi possível relacionar o uso do verbo ser ao *Eu sei o que estou dizendo*, funcionando como uma expressão de verdade que não permite pensar que o saber é suscetível à verificação, criando, assim, uma pós-verdade que se identifica com o discurso do leitor, não permitindo a possibilidade da dúvida.

<sup>9</sup> <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>

<sup>10</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/veja-o-que-as-mensagens-da-lava-jato-ja-revelaram-sobre-a-atuacao-de-moro-no-caso-lula.shtml>

Isso, de algum modo, impede que a falsa informação seja checada antes de ser multiplicada nas redes sociais.

Além do verbo ser, outros elementos linguísticos, como as aspas e os adjetivos, são utilizados na construção de sentidos, e produzem divisões nos modos de significar, ao predicarem, tal como mostramos acima, de forma negativa as manifestações ou os manifestantes, demonstrando o quanto o político está presente no funcionamento das certezas, tanto no que diz respeito às relações entre o dizer e a ideologia que o constitui, por meio da inscrição na memória interdiscursiva, quanto em relação às divisões enunciativas que configuram esse dizer, instalando o conflito que origina a divisão e redivisão dos papéis sociais dos sujeitos.

Nesse sentido, as reflexões realizadas neste trabalho demonstram que a produção de certezas é um efeito de linguagem que se apresenta fundamentalmente na construção das *fake news*, provocando conflitos nas relações sociais, deslegitimando os movimentos de resistência.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. **História e Sentido na Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Análise de texto**: procedimento, análise, ensino. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

ZOPPI-FONTANA, Monica Graciela. Pós-verdade: léxico, enunciação e política. In: OLIVEIRA, Rosimar R. Rodrigues de; OLIVEIRA, Sheila Elias de; RODRIGUES, Marlon Leal; KARIM, Taisir Mamhudo (orgs.). **Linguagem e significação**: práticas sociais. Volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 133-166.

Submetido em: 16/02/2020.

Aprovado em: 16/06/2020.

**Como referenciar este artigo:**

SILVA, Florisbete de Jesus. A construção de certezas e seus efeitos de sentido em *fake news* sobre manifestações de rua no Brasil. **revista Linguagem**, São Carlos, v.34, Número Temático, jan./jun. 2020, p. 90-101.